UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

Nicolle De Oliveira Buzatto

RELATO DE EXPERIÊNCIA: PESQUISA DE MOVIMENTAÇÕES CORPORAIS COM BASE NAS INTENSIDADES MUSICAIS

Sorocaba/SP
2023

Nicolle De Oliveira Buzatto

RELATO DE EXPERIÊNCIA: PESQUISA DE MOVIMENTAÇÕES CORPORAIS COM BASE NAS INTENSIDADES MUSICAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do Diploma de Graduação em Licenciatura em Dança da Universidade de Sorocaba

Orientador: Edison Trombeta de Oliveira e Tânia Boy.

Sorocaba/SP

2023

AGRADECIMENTOS

Solenes agradecimentos a todos que contribuíram para o meu desenvolvimento durante minha jornada acadêmica em meu período de graduação em Dança na Universidade de Sorocaba, especialmente minha família e meus professores da graduação, em especial Bruneta Rey, Cadmo Fausto, Elizete Gomes, Felipe Cravo, Joana Pietro, Raquel Castro, Roberto Gill, Roger dos Santos e Tania Boy.

RESUMO

Este Relato de Experiência é uma Pesquisa Ação sobre o processo de desenvoltura de uma aula vinculada à linguagem da Dança, com registros e análises pessoais de acordo com os resultados experienciados durante o programa de Residência Pedagógica financiado pela CAPES[1] para a UNISO[2]. Atuando como residente bolsista por este programa, as aulas foram realizadas na Escola Estadual Izabel Rodrigues Galvão[3], aos cuidados da preceptora Jessica Molina[4]. Por conta de algumas divergências na organização escolar, as aulas ocorreram entre as turmas do 1° ano e, por fim, o 4° ano, tendo como estrutura principal a BNCC[5] e a Abordagem Triangular[6] como sistema de aplicação para os conteúdos em aula.

Palavras-chave: Dança Educativa; Intensidade; Movimentação; Pesquisa Corporal.

[1] Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
[2] Universidade de Sorocaba – SP.
[3] Sorocaba – SP.
[4] Professora e Preceptora, Escola Estadual Izabel Rodrigues Galvão - SP
[5] Base Nacional Comum Curricular.
[6] Abordagem sistematizada pela Ana Mae Barbosa: Professora e Doutora, Universidade de São Paulo (USP).

ABSTRACT

This Experience Report is an Action Research on the process of developing a class linked to the language of Dance, with records and personal analyzes according to the results experienced during the Pedagogical Residency program financed by CAPES for UNISO. Acting as a scholarship resident for this program, classes were held at the Izabel Rodrigues Galvão State School, under the care of preceptor Jessica Molina. Due to some differences in school organization, classes took place between the 1st year and, finally, the 4th year, with the BNCC as the main structure and the Triangular Approach as the application system for the content in class.

Keywords: Dance Education; Intensity; Movement; Body Search.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9
2 ESQUEMATIZAÇÕES DE IDEIAS 10
2.1 PLANEJAMENTO 10
2.2 TABELA – PLANO DE AULA 11
2.3 DESENVOLVIMENTO 11
3 REGÊNCIA 13
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 17
5 REFERÊNCIAS 18

1 INTRODUÇÃO

A ideia da proposta surgiu em minha mente durante uma aula ministrada pela preceptora Jessica Molina, onde estavam sendo apresentadas as figuras musicais que representavam as intensidades do som, sendo elas:

p (piano);

f (forte);

Aprofundando ainda mais sobre estes índices musicais, temos o *p* (piano) como um símbolo para representar a intensidade musical fraca/baixa, e o *f* (forte) como representante de uma intensidade forte/alta.

É de suma importância também ressaltar a existência de mais três símbolos dentro das intensidades musicais, são eles:

pp (pianíssimo), como intensidade fraquíssima do som;

mf (meio forte), como intensidade média, com o volume em nível "natural";

ff (fortíssimo), como intensidade musical bem forte.

Na área da música a intensidade está ligada diretamente com o volume auditivo de maneira proporcional, quanto mais fraca a indicação da intensidade, mais baixo será o som, e quanto mais alta a indicação, mais alto será o som.

Mas e com as movimentações corporais? A ideia de volume não fazia sentido para mim como conexão e representação direta com o corpo, porém, as intensidades sim. De acordo com Laban (1978, p. 196).

> Os ritmos produzidos pelos movimentos corporais são marcados por uma divisão de fluxo contínuo do movimento em partes, cada uma das quais tem uma duração de tempo definida. As partes de um ritmo podem ter comprimentos iguais ou desiguais. Neste último caso, algumas partes são relativamente rápidas e outras relativamente lentas.

Foi a partir desta questão que houve um incentivo próprio em montar uma proposta para a aula de Arte, unindo conceitos da linguagem musical para uma prática corporal dentro da linguagem da Dança; eu precisava apenas estipular alguns objetivos específicos para o desenvolvimento desta prática.

2 ESQUEMATIZAÇÕES DE IDEIAS

2.1 PLANEJAMENTO

Decidi estipular o objetivo principal da aula com a pesquisa de movimentações corporais dentro das exigências pedidas (no caso as exigências seriam as intensidades musicais). Com isso, percebi a oportunidade de conseguir introduzir nesta prática a fundamentação corporal de Rudolf Laban[7] com os Fatores Expressivos, principalmente o fator peso, mas até então não me limitei somente com a possibilidade de trabalhar com este fator “óbvio”, deixaria fluir, analisaria as possibilidades e de acordo com as necessidades trabalharia os fatores expressivos conforme os resultados momentâneos dos educandos em cada etapa da aula.

Existia algo que eu vinha notando durante a regência escolar, existia a possibilidade de todo o cronograma da aula idealizada pelo educador sofrer alterações inesperadas, sejam elas por falta de recursos escolares, problemas de conexão com a internet, desentendimento entre educandos, dentre outras questões. Por conta dessas alterações, existe uma grande possibilidade do educador transferir o tempo que seria usado para a prática da aula, para resolver estes “problemas” que acabaram o pegando de surpresa e fazendo com que ele se estressasse ou desistisse de realizar sua aula planejada naquele dia e optando por passar uma simples atividade que talvez poderia estar ligada com o foco principal de sua aula planejada, mas não trabalhando da maneira que desejaria, o que pode causar frustrações para o educador. Então como eu já havia escolhido o objetivo principal de minha aula, que era “A Pesquisa de Movimentações Corporais com base nas Intensidades musicais”.

[7] Sua pesquisa e metodologia sobre o uso do movimento humano, pela profundidade e extensão, são hoje base para uma melhor compreensão do homem por meio do movimento, moderadamente utilizada nos mais diversos ramos da arte e da ciência: dança, teatro, educação, trabalho, psicologia, antropologia, etc. (Ullmann 1978, p.10).

2.2 TABELA – PLANO DE AULA

Decidi estruturar de forma flexível o cronograma da aula de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), preenchendo as lacunas do Plano de Aula com as informações encontradas na tabela abaixo:

LINGUAGEM	HABILIDADE	RECURSOS	ESTRATÉGIAS	AVALIAÇÃO
Música	(EF04AR14) Perceber, explorar e identificar intensidade, altura, duração, ritmo, melodia e timbre, por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de execução e apreciação musical;	Caixa de som da escola;	Aulas presenciais expositivas com ambas participações entre Educadores e Educandos;	Participação dos Educandos e suas diversas maneiras de criarem gestos corporais de acordo com as intensidades;

2.3 DESENVOLVIMENTO

Para o desenvolvimento desta prática, segui a sistematização da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, então já tinha o conhecimento de que a aula seria dividida por etapas de contextualização, apreciação e criação.

Acredito que a movimentação é composta por conjuntos de gestos que geram algum significado para o criador e para o apreciador, seja ela de forma direta ou indireta. Com isso, decidi contextualizar sobre gestos corporais com os Educandos. A

apreciação estaria presente no momento em que iríamos observar os movimentos criados por todos os participantes da prática. Por fim a criação estaria conectada com a criação dos educandos, ao experimentarem novas movimentações corporais com base nas intensidades e realizando descobertas.

Após a aula estar totalmente planejada e estruturada, apresentei a proposta para a preceptora Jessica durante nossas reuniões semanais, consegui sua aprovação para aplicar a aula, então decidimos realiza-la já no próximo dia de residência com a turma do 4° ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

3 REGÊNCIA

Quando o dia da prática chegou e todos os residentes, a preceptora estavam presentes, reunimos todos os alunos do 4° ano na sala de aula e aguardamos a preceptora Jessica Molina realizar a chamada. Esta foi a minha primeira vez que iria ministrar uma aula no ambiente escolar, fiquei um pouco nervosa e ansiosa, mas estava muito confiante com meus planos para o desenvolvimento da aula com o objetivo de alcançar minha ideia principal e deixar os Educandos se sentirem confortáveis para que sentimentos como intimidação ou vergonha atrapalhassem em seus desenvolvimentos. A aula prosseguiu com as seguintes etapas:

A preceptora Jéssica iniciou a aula com a chamada instrumental, onde cada educando respondia ao invés de “presente”, o nome de algum instrumento musical;

Me apresentei aos Educandos dizendo meu nome e o curso da minha faculdade. Muitos ficaram surpresos e empolgados ao saberem da existência da graduação em dança;

Comuniquei-os sobre a aula ter práticas corporais e pedi para que arrastassem as carteiras e encostassem aos redores da sala de aula, deixando o centro livre e com espaço;

Com todos de pé formando uma grande roda no centro da sala, contextualizei sobre a palavra “gesto” e realizei algumas perguntas problematizadoras como “O que eram gestos?”, “Gestos só são produzidos com as mãos?”, a participação da classe foi ótima, muitos ficaram animados para responderem as perguntas, algumas respostas foram: “Gestos é uma forma de se comunicar com as pessoas, que nem quando alguém tem alguma deficiência e não consegue ouvir, nos comunicamos com essa pessoa através das mãos”[8], ou, “Gestos é aquilo que fazemos com as mãos para mostrar algo”[9].

Ao realizar a segunda pergunta, muitos educandos responderam precisamente que os gestos não tinham que serem feitos somente com as mãos, porém, muitos expressaram dúvida e não “sabiam” o que responder;

Dei alguns exemplos de possíveis gestos a serem feitos com outras partes do corpo, sem focar nas mãos. Gestos com a cabeça, indicando um “sim”, “não”, ou “talvez”, e gestos com as pernas “preparação para um chute em um jogo de futebol”;

[8] Educando Rafael do 4° ano: E.E Izabel Rodrigues Galvão.
[9] Educanda Julia do 4° ano: E.E Izabel Rodrigues Galvão

Definimos juntos que os gestos eram movimentações realizadas em nossos corpos que indicavam uma ação ou reação a algo, gerando um significado para todos nós;

Retomei o assunto introduzido pela professora Jéssica na última aula sobre Intensidades Musicais e expliquei novamente sobre elas, especificamente o f (forte), e p (piano/fraco);

Perguntei se existiria a possibilidade de unirmos os gestos com as intensidades musicais, a classe inteira deu um afirmativo meio duvidoso, então eu retomei aos exemplos dados na contextualização dos gestos e rotulei as intensidades presentes nelas. Em seguida, pedi para darem exemplos de gestos corporais fortes e gestos corporais fracos, nos gestos fortes alguns Educandos representaram golpes de luta e saltos, já nos gestos fracos, os exemplos dados pelos Educandos eram voltados a ondulações de braços e mãos e elevação dos pés em meia ponta;

Mostrei alguns gestos corporais dentro das especificações desejadas, já que alguns Educandos sentiram dificuldade em imaginar algumas possibilidades dentro das exigências;

Parti para o aquecimento corporal realizando a cantiga de roda “A Canoa Virou”, já convidando todos os alunos a formarem uma roda e segurarem as mãos. Eu propus que todos realizarem as pulsações da cantiga com marcações de pé entre as intensidades forte e leve;

Dando sequência, orientei os Educandos a se espalharem no espaço da sala e iniciei desafios diferentes. Os alunos teriam 8 segundos para pesquisarem em seus corpos as movimentações mais fortes e leves que pudessem reproduzir. Os resultados foram impressionantes e percebi uma mudança notável de velocidade entre os movimentos, os fortes tinham tendência a serem mais rápidos, os fracos com tendência lenta. Segundo Laban (1978, p. 200).

> “Aquele que estuda os movimentos poderá sentir que um certo tipo de ritmo lhe é de maior dificuldade para execução do que outro. Poderá descobrir também que prefere um ritmo em particular [...]”

Comentei de forma relevante com todos os Educandos, a importância de respeitarmos as diferenças e as percepções de cada um, não seria um problema se alguém quisesse fechar os olhos, tentar movimentações “estranhas” ou simplesmente

não se sentisse confortável com a proposta e quisesse somente assistir, não existia um certo e nem um errado naquele momento. Para Freire (2011, p. 120).

> Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui.

Com um pouco mais do que oito segundos repeti os desafios, porém, liguei a caixa de som e adicionei músicas. Até então, trabalhei em silêncio para que as movimentações produzidas pelos Educandos não sofressem alterações ao serem influenciadas pela música. Eu quis que os movimentos criados fossem o mais “puros” possíveis.

Com o som, realizamos combinações entre músicas e movimentos, utilizando músicas sinfônicas com intensidades fortes para os educandos realizarem movimentações de intensidades fortes, e músicas clássicas com intensidades fracas, como Adágios, para os educandos realizarem movimentações leves e suaves. Ao final de cada desafio, fui acompanhando os resultados, as opiniões da classe e pedindo para quem quisesse compartilhar sua movimentação para mostrar a todos presentes.

Como os desafios estavam sendo realizados pelos educandos com uma certa facilidade, decidi inverter a proposta do desafio com as músicas, sendo o objetivo de realizar movimentações fortes em músicas fracas e lentas, e depois realizar movimentações suaves e fracas em músicas de intensidade forte. Durante este desafio acrescentei variações entre o fator de tempo e fui pedindo para que os educandos acelerassem e diminuíssem a velocidade dos movimentos o máximo que conseguissem,

Finalizei a prática com um bate-papo entre educadores e educandos, perguntando as facilidades e as dificuldades encontradas durante os desafios corporais.

Encerrei destacando que, para a dança acontecer, não precisamos estipular uma forma em comum para todos imitarem exatamente igual, gerando uma dança como forma. Pelo contrário, movimentações livres e autorais também são caracterizadas como dança, uma dança como expressão que não depende de comandos ou passos/gestos definidos;

A professora Jessica utilizou os últimos minutinhos da aula para propor que os Educandos registrassem suas experiências com a aula do dia em seus cadernos de desenho, com desenhos e palavras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esta prática me mostrou o quão grande é a capacidade de criação dos Educandos. Me surpreendi com os resultados e fiquei muito contente que o número de participantes no final da aula foi de 100% da classe, em quanto no começo alguns não estavam se simpatizando com a prática com medo da opinião e julgamentos dos colegas ou medo pelo simples fato de poder ser o autor de seus próprios movimentos. Para Marques (2012, p. 18).

> "A dança como expressão apoia-se primordialmente em referências internas e pessoais. Compreender a dança como expressão é também acreditar na possibilidade de a criança ser autora de suas danças, ou seja, possibilitar que ela crie, invente, componha.

Quando estamos acostumados com regras e imposições, é natural que ao depararmos com situações onde precisamos tomar a frente, nos atinja de maneira brusca, como um baque, onde a primeira pergunta que fazemos é "O que eu vou fazer agora?", uma questão preenchida de insegurança e com o sentimento de incapacidade. Esta prática me mostrou o quanto precisamos nos arriscar mais, acreditarmos em nossas capacidades, assim como os Educandos, que além de Educandos são crianças. As crianças que por mais que se sintam inseguras e incapazes, não tem medo de se arriscar, de tentar algo novo, de aguçar sua curiosidade, alguns precisam de uma palavra de incentivo ou um apoio no momento da prática, mas a questão é, quem não precisa?

Entendamos que se nos sentimos preocupados com os julgamentos, é porque ele se encontra presente. Ser diferente é o que nos torna sermos quem somos, ser respeitado é algo importante, não só da área da Dança ou da Arte, mas sim em qualquer área de ambiente profissional ou não, e além da importância de ser respeitado é de grande relevância que pratiquemos o respeito para também com o próximo.

5 REFERÊNCIAS

ARTAXO, Inês. **Ritmo e Movimento, Teoria e Prática**. São Paulo: Phorte, 2008.

BARBOSA, Mae Ana. **Abordagem Triangular No Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, Isabel A. **Interações: crianças, dança e escola**. São Paulo: Bluncher, 2012. abr. 2015